



Junho 54  
Congreso Nacional  
-Buzo

MARIA, PRIMEIRA ENTRE AS CRIATURAS, BENDITA ENTRE AS MULHERES

Deus, por um acto gratuito de amor, quer criar o universo. Há no pensamento de Deus infinitas possibilidades de realização desse universo. Entre a infinidade de possibilidades, Deus escolhe uma determinada, realizando-a: aquela em que o homem é criado no estado de justiça original, livre de se realizar como quiser; peca, numa tentativa de emancipação da vontade divina, destruindo assim a ordem estabelecida; e é finalmente libertado do jugo do pecado pela incarnação do Verbo. A incarnação não surge em Deus como uma necessidade, evidentemente. Mas repugna admitir um universo em que Deus, infinito amor, não procurasse os meios mais extraordinários para dar ao homem a plenitude de ser, a felicidade a que inicialmente o destinara.

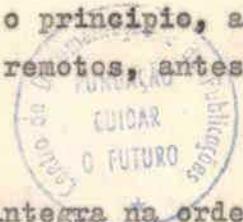
× Todo o universo em que vivemos é concebido na mente de Deus com o selo do Verbo que nele há-de incarnar. Por isso todas as palavras de Deus, desde os princípios dos tempos, têm um conteúdo que transcende o facto em causa no momento e são uma preparação e um esclarecimento em ordem ao acontecimento central do universo. (Só para nós o Verbo incarna depois do pecado original; sabemos-lo só no tempo devido. Mas para Deus, o Eterno, para quem não há tempo, todas as coisas estão simultaneamente presentes e, ao criar Adão e Eva, Ele sabe que o Verbo incarnará.) Por isso ainda toda a história do homem é, nos seus contornos e nas características de certas figuras, a preparação cuidada e ininterrupta que, de geração em geração, cria nas almas as condições propícias para a incarnação do Verbo.

Ora se Deus pensou o universo em que vivemos em função da incarnação do Verbo, pensou necessariamente a criatura que permitiria essa incarnação. E, porque a pensou e a viu (no futuro) correspondendo totalmente ao que Ele havia de lhe pedir, achou que este universo era possível ao Seu amor. E o universo fez-se.

O universo, com todas as coisas que contém, só é possível porque Maria é possível. Antes que surgisse cada um de nós, antes que nascessem os pais de Maria, antes de Adão e Eva terem sido criados, antes do gesto onnipotente que do nada criou os mundos e no mundo criou os mares e as terras e os povou, Maria estava presente. Porque a sua existência era condição necessária da ordem tal como Deus a concebera. ×

E assim Maria surge no pensamento de Deus anterior a toda a criatura. Esta anterioridade não indica uma precedência no tempo mas uma precedência de ordem lógica. Maria é, no plano das criaturas, a pedra angular da sua própria existência como tais. É o elemento essencial do mundo em que vivemos. Por isso Maria é a primeira das criaturas - porque as justifica e as supõe e as possibilita a todas. E, por isso, a Igreja pode aplicar-lhe as palavras que Salomão escrevera da Sabedoria: "O

Senhor possuiu-Me no principio dos seus caminhos antes que, desde o principio, alguma coisa criasse. Desde a eternidade fui constituída, em tempos remotos, antes mesmo da terra ser feita."



No plano de Deus sobre o universo, o Verbo incarnado reintegra na ordem divina a vida humana diminuída pelo pecado. Portanto, Maria, que surgiu no pensamento de Deus para ser a Mãe do Verbo, tem por missão fundamental a integração de todos os valores criados na ordem divina, porque só ela, por um gesto seu, pode ser o canal do divino para o humano e reajustar no seu conjunto o universo dos seres ao pensamento e à vontade de Deus. Não é esta missão uma excepção à missão comum de todas as mulheres. Antes é a perfeição e a plenitude da autêntica missão da Mulher. Com efeito, se nos reportarmos aos primeiros passos do Génesis ou vimos Deus exclamar, após a criação de Adão: "Não é bom que o homem esteja só". Há nesta frase uma exigência de Deus em relação aos seres já criados: "não é bom" para a harmonia, a beleza do plano divino que o homem esteja só. E por isso para completar a obra criada, para torná-la conforme com o pensamento que a gerara, Deus cria a mulher. Ela tem assim por missão dar acabamento e perfeição às coisas criadas, restabelecendo a harmonia da ordem. Tal integração é sempre necessariamente limitada: limitada em extensão e em profundidade. Nem todas as coisas criadas são atingidas nem a acção da mulher pode, só por si, alcançar a sua essência.

Fundação Cuidar o Futuro

Com Maria, porém, a missão da Mulher vai o mais longe que é possível: a sua acção especificamente feminina estende-se a todas as criaturas de todos os tempos e de todos os lugares; e atinge-as na sua própria essência visto que, por um lado, é condição da existência de todas elas e, por outro lado, lhes dá mais do que a própria vida: a fonte da Vida. Maria é a mulher que realiza do modo mais lato e mais profundo a divinização (no sentido de participação de Deus) das coisas criadas. Por isso ela é verdadeiramente única entre todas as mulheres.

A missão de integração dos valores na ordem divina identifica-se em Maria com a Maternidade Divina a que é chamada. São dois aspectos da mesma vocação: um situa Maria em face do mistério da Santíssima Trindade; o outro situa-a nas suas relações com todo o universo criado. Neste duplo aspecto da vocação de Maria a mulher encontra resposta às interrogações sobre o seu destino: é através da maternidade que a mulher pode e deve actuar como complemento de tudo o que é criado, dando acabamento e perfeição às coisas, às almas, às ideias.

Toda a vocação feminina é, deste modo, símbolo inacabado e imperfeito da plenitude de realidade que é a vocação de Maria.

E assim, pela mesma razão que faz dela a primeira das criaturas - a Maternidade Divina - Maria é bendita entre as Mulheres.



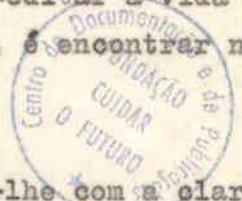
Mas Maria, se é a primeira das criaturas na ordem lógica, é também a primeira em riqueza ontológica. Criada para ser a Mãe de Deus, ela é concebida isenta de todo o pecado. (Exige-o a nossa concepção da Justiça Divina e confirma-o a Revelação.) Mas a isenção do pecado, porque é qualidade de negação, não esgota a totalidade. Deus, que não ama os tíbios, não podia ter escolhido para Sua Mãe alguém que fosse susceptível de experimentar a menor tibieza. Deus escolhe-a digna de Si. E a única criatura digna de Deus há-de ser aquela que, como criatura, só possua uma imperfeição: não ser Deus. Logo Maria é a mais perfeita de todas as criaturas porque esgota todas as virtualidades do ser excepto o bastar-se a si mesmo.

Ela é a criatura que possui todas as potencialidades no grau mais elevado e as condições óptimas para as actualizar. Isto significa que Maria é a criatura mais real, porque é a que participa mais profundamente de Deus e ser não é mais do que participar dos atributos de Deus. Há nela uma concentração de realidades - dons, virtudes, aptidões, qualidades que lhe integram a personalidade e são a tradução da plenitude de ser que a caracteriza. Por isso ela é a criatura mais plenamente criatura.

Não encontramos em Maria apenas a natureza humana de antes da queda - integradas todas as potencialidades numa síntese unitária clara e simples. Nela, além desse privilégio de natureza, existem todas as qualidades e virtudes no maior grau que um ser humano pode possuir. Somos assim levados à contemplação, em Maria, da plenitude humana da beleza, da inteligência, da sensibilidade. A razão, profunda e larga, conhece rapidamente todas as verdades dos seres e domina todos os sentidos e paixões; serve-a uma vontade pronta sempre orientada para o bem; anima-a o coração mais puro e mais forte. E não podemos deixar de glorificar a Deus que acumulou de perfeições uma criatura: "De Ti dâssemam coisas gloriosas, ó Maria, porque operou em Ti maravilhas o Deus omnipotente". E não podemos deixar de a glorificar a ela também porque se ela é a criatura mais dotada, mais perfeita e mais completa, ela é também aquela que corresponde melhor aos dons que recebeu.

É o que Cristo explicitamente afirma no Evangelho. Quando uma mulher entre a turba exclama: "Bem aventurado o ventre que te gerou e os seios que te amamentaram", Jesus responde: "Bem aventurados antes aqueles que ouvem a palavra de meu Pai e a seguem". À mulher que bendiz aquela que Deus chamou para ser a Mãe do Seu Filho, Cristo que, melhor do que ninguém conhecia os dons e podia avaliar a grandeza dos privilégios de Maria, responde mostrando que Sua Mãe é principalmente bem aventurada pela actualização que fez de todas as suas potencialidades, é principalmente bem aventurada pela santidade de que revestiu a sua vida. E fá-lo de tal maneira que a aceitação da vocação e a correspondência aos dons que recebeu para a realizar, permanecem modelo de todas as criaturas, o tipo ideal que todas, à sua escala, têm de reproduzir, para se realizarem.

Neste sentido, Maria é ainda a primeira das criaturas. Meditar a vida de Maria é descobrir as leis que justificam e enobrecem as criaturas, é encontrar na forma mais pura e acabada a essência da missão da Mulher.



Em Maria reside toda a sabedoria. A ciência revelava-se-lhe com a clareza e o nexó duma leitura simples. A beleza acordava nela ressonâncias profundíssimas, porque o seu coração era puro e apto, portanto, a entender o mistério que se esconde no fundo dos seres e a sinfonia maravilhosa que é a Vida, manifestação e reflexo do Criador. Mas, porque participava intimamente de Deus, havia nela um entendimento que se libertava dos seres e era, à maneira do conhecimento intuitivo dos anjos, uma visão muito rápida e essencial de todas as coisas. Todos esses factores contribuíam para a aquisição da sabedoria. Sabedoria que é conhecimento fundo da realidade exterior e da própria alma, iluminada pela claridade do sentir, purificado pela presença real de Deus; sabedoria que transcende o saber disperso e as próprias especulações intelectuais. A sabedoria supõe a inteligência mas supera-a. Enquanto a inteligência pode ser orientada em sentidos opostos à Beleza e ao Bem, a sabedoria conduz sempre à plenitude humana porque só ela é cheia de graça. Se a inteligência apreende as relações dos seres escapa-lhe o conteúdo último das coisas, as razões escondidas dos factos, o mistério forte do diálogo das criaturas e do Criador. Só a sabedoria pode penetrá-los porque só a sabedoria é cheia de Amor. Amor que é doação, que é identificação total. E foi o amor o sinal mais evidente da sabedoria de Maria. Pois que outra coisa é a docilidade ao Espírito, a adesão completa à vontade de Deus? O amor de Maria distinguiu-a entre todas as criaturas: "Bem aventurados antes os que ouvem a palavra de meu Pai e a seguem"...

Sobe tão alto o amor de Maria que se consagra totalmente a Deus e, contra o costume e a tradição, faz voto de virgindade. Até então, o Antigo Testamento historia o homem e as suas relações com Deus num plano de relativa facilidade. Não se fala de virgens consagradas; e os sacerdotes são os justos que respeitam a lei mas não a ultrapassam. O sacrifício é então sempre encarado como a imolação do que pertence ao homem (pessoas, animais ou coisas) e nunca como a imolação do próprio homem. É em Maria que se abre a porta do novo mundo e começa a loucura da Cruz - a imolação do Homem-Deus. Por isso é já uma intuição não definida da Cruz que a leva, pelo sacrifício e doação de toda a sua vida a Deus, a participar da ordem nova. Comungando profundamente no pensamento de Deus, é natural que o problema humano na ordem divina se lhe revele dum modo imediato, impelindo-a a seguir o caminho e a tomar a atitude de alma que correspondem, na vontade de Deus, à viragem da história do homem em que Ele a colocara. Maria, para além da letra da Lei que não sobreestimava a virgindade, para além



do sentir unânime dos seus contemporâneos, segue livremente aquele caminho que Deus para ela pensara. E procede assim porque está cheia de sabedoria. Na medida em que a alma humana está cheia da sabedoria divina nessa mesma medida é capaz de entender as razões dos factos, o encadear das ideias, ultrapassando o que se vê para penetrar no que é:

A consagração total de Maria a Deus é a tradução dum amor autêntico. Porque quem ama procura identificar-se com o objecto amado e, para uma alma como a de Maria, esse amor devia ir necessariamente o mais longe possível, levando a um desejo de identificação não já de acidentes mas da própria natureza. Por isso Maria procura, por toda a sua vida de pureza que se totaliza na virgindade, identificar-se com o Puro Espírito que é Deus. E a valorização pessoal, que, numa ordem humana ideal - como era aquela em que Maria se encontrava pela sua isenção do pecado original - devia corresponder à actualização de todas as potencialidades ontológicas, não fica comprometida. Todos os meios humanos de valorização pessoal foram para Maria infinitamente ultrapassados pela incarnação de Cristo no seu seio.

A atitude global da vida de Maria é a doação total ao Amor, a correspondência fiel à Graça. Tal atitude se é, por um lado, determinante das pequenas atitudes de cada instante, é também fruto e somatório de todas elas. E assim porque ela é a primeira das criaturas nessa correspondência global, ela é a primeira também em cada elemento do conjunto. Por isso ela totaliza em cada momento toda a riqueza da vida e a máxima perfeição interior. Por isso, mesmo quando a esquecem ou ignoram, ela permanece o ideal de todas as criaturas, o padrão desconhecido de que, bem ou mal, elas querem aproximar-se. Porque nela se totaliza o ser criado.

Isenta do pecado original, cumulada de perfeição, Maria não vive na aceitação passiva dos dons que recebeu. Alarga-os e aprofunda-os: actualiza-os. A sabedoria que lhe dá o entendimento das coisas de Deus projecta-a na ordem nova. E a ordem nova vem fortemente marcada com a sombra da Cruz. Por isso, Maria aceita a Cruz da sua vida. A realização plena da vocação de Maria, a primeira das criaturas, é uma realização crucificada. Ora se Deus não hesita em escolher para Maria, padrão da alma humana, uma vocação que se realiza pela Cruz, isso significa por certo que, no plano de Deus, o destino do homem só se completa, só se totaliza na Cruz.

Toda a vocação autêntica vem assim marcada com o sinal da Cruz. Por errados caminhos andamos quando a Cruz não nos pesa nos ombros ou não lhe sentimos a sombra, talvez distante, mas real; por errados caminhos andamos quando tudo nos surge acessível, cómodo e fácil - é muito provável que sejamos então fáceis demais.

A Cruz de cada um é intrínseca à sua própria vocação. E à semelhança de Maria que Deus concebe cheia de todas as virtudes e aptidões que garantam a realiza-



ção plena da sua vocação essencial - à Maternidade Divina, cada criatura encontra em si as condições psicológicas para a realização da vocação que é chamada a cumprir e é situada no tempo e nas condições ambientais requeridas para o exercício consciente dessa vocação. Logo, sendo a Cruz um elemento essencial de toda a vocação na ordem nova, cada homem recebe a força para aceitar a Cruz e poder triunfar dela. Mas essa força não surge como graça infusa num dado instante. Ela é construída dentro da alma pela soma de muitas atitudes de renúncia, de desapego de si, de sacrifício. E é essa a lição que Maria nos dá. A vida espiritual de Maria que poderia ter sido sempre vivida unicamente em puro misticismo, é fortemente impregnada de ascese. Traduz-se fundamentalmente em espírito de pobreza que confere em alto grau uma necessidade interior de purificação mesmo em relação a factos e coisas objectivamente certos e puros. Dá as renúncias a direitos legítimos, daí o desapego das criaturas. Só aquele que se liberta totalmente das criaturas é capaz de as amar até o fundo, porque as encontra em Deus onde elas são mais realmente.

E essa purificação interior de Maria se é desapego das coisas criadas é também libertação do seu próprio eu. Diz-nos o Evangelho que antes da Anunciação Maria se recolhera para orar. O "Fiat" é precedido de uma atitude interior de recolhimento e silêncio. O recolhimento é a tradução do sentido do divino e a consciencialização da pequenez humana. É a fuga do mundo exterior, a dispersão enervante, o tumultuar violento de paixões, o grito veemente do egoísmo. É no silêncio que a vida nasce e se revela; é pelo silêncio que o homem redescobre o mundo. Recolhimento e silêncio conduzem a alma à contemplação de Deus e dos seus mistérios; intensificam o conhecimento e, por isso, fortificam o amor. E porque é um amor que tem por objecto o Amor infinito, geram o esquecimento de si, são a porta aberta à disponibilidade; e é esta que assegura a firmeza e a espontaneidade do Fiat. Só se pode aceitar conscientemente quando a alma se purifica no silêncio e se interioriza no recolhimento. Então no fundo da alma o homem encontra Aquelle que lhe é mais íntimo do que ele próprio.

Pela meditação da palavra de Deus, pela comunhão estreita com os grandes mistérios da existência, pelo espírito ascético da sua vida, Maria creceu em graça e sabedoria. A sua vida é assim aquisição de valor e intensificação de santidade. Por isso se lhe aplicam uma vez mais as palavras do Livro da Sabedoria. "Como a vide lancei flores dum agradável perfume; e as minhas flores dão frutos de honra e de honestidade. Eu sou a mãe do amor formoso, e do temor, e da ciência, e da santa esperança. Em mim há toda a graça do caminho e da verdade, em mim toda a esperança da vida e da virtude".

É neste clima de santidade que se realiza o grande mistério da Anunciação. Maria é então a criatura em face do Criador e o diálogo que se trava polariza e sin-



croniza os dois mundos: o criado e o incriado.

Na resposta de Maria à mensagem do Anjo toma corpo e ganha côr e vida a resposta dos milhões de seres que, através do tempo e do espaço, têm aceitado, pelo simples facto de existirem, que em si se realiza a palavra de Deus. Ela traduz a harmonia dos seres criados com o Ser. O mundo dos seres corresponde pela própria vida ao pensamento divino que os gerou. É por isso que, quando o homem olha à sua volta, encontra repouso e paz nas coisas que o cercam. É que todas elas repetem e cantam, na aceitação serena e calma ou na violência de vida exuberante, numa linguagem misteriosa mas densa de certezas, a grande palavra "Fiat". Só por existirem as coisas glorificam Deus e d'Ele falam. Delas emana o silêncio, a beleza, a harmonia da ordem.

Mas em Maria está também e principalmente a atitude da humanidade e de cada homem em face do Criador. Cada alma humana para glorificar a Deus tem de dizer explicitamente que aceita corresponder ao pensamento de Deus a seu respeito. Mas para poder dizê-lo tem de ouvir o Anjo primeiro. E para poder ouvi-lo tem de fazer calar todos os rumores, tem de abrir a alma em expectativa alegre, em disponibilidade confiante. Exige-se-lhe disposição especial para receber a palavra de Deus, abertura de alma, docilidade ao Espírito. A atitude do homem em face da Verdade não pode ser outra: a certeza de que a Verdade é absoluta, que o transcende infinitamente e que, chamado a participar dela, o homem ultrapassar-se-á se permitir que ela incarne dentro de si. A humildade confiante deve encher-lhe a alma e abri-la à Anunciação.

Se Maria, uma mulher, é chamada a dar testemunho como primeira das criaturas da atitude essencial da alma humana, isso quer dizer que existe em todo o homem um princípio espiritual feminino. E é esse princípio que é responsável pela atitude da alma que conduz à adesão à Verdade. O Verbo não incarna no homem se ele não se abrir totalmente a Deus como Maria fez. Mais: a vocação de Maria, totalmente consagrada a Deus, e a preparação ascética da sua vida mostram claramente que o Verbo para incarnar em cada um de nós necessita unicamente da nossa própria colaboração e prescinde, metafisicamente falando, de qualquer intermediário humano. É natural, porém, que psicologicamente seja mais fácil essa encarnação se outras almas ajudarem a abrir o caminho da alma humana. Da certeza da separação nítida dos dois planos ( o psicológico e o metafísico) nasce a atitude que concilia o maior zelo apostólico com a convicção de que só Deus converte e que a acção humana é assim, na ordem lógica, dispensável.

Presentes na Anunciação todas as criaturas, estão-no dum modo específico todas as mulheres. O Fiat de todos os homens prolonga-se, ganha tonalidade e expressão diferentes, feminiliza-se quando os lábios da Mulher prosseguem: "Fiat mihi..."



Projectando-se para além do momento presente, transcendendo o tempo, as relações da mulher com o acto não são iniciativa rápida nem criação; são consciência de potencialidade, são espera segura, são aceitação. E são-no porque nela se desenvolve e define todo um clima de receptividade operante. "Faça-se em mim..." Aparentemente inactiva, a mulher permite que nela se realizem os maiores mistérios da vida: o nascimento do homem, a Incarnação do Verbo. Todo o seu destino existencial se concretiza na trilogia, no ciclo vital que começa na Anunciação: receber, gerar e dar. À aceitação de que nela tudo se faça segundo a palavra de Deus, segue-se o período longo e triste da geração que há-de terminar na oferenda generosa da própria vida.

Mas a aceitação da vocação não é só adesão da vontade; ela resulta fundamentalmente de um acto sereno de inteligência iluminada pela Fé. Por isso ao ouvir a saudação do Anjo Maria "discorria pensativa que saudação seria esta". E depois de ouvir a mensagem do Altíssimo Maria pergunta com estranheza: "Como pode isso ser se eu não conheço varão?" Pareça-lhe contraditório o pedido que lhe é feito da parte de Deus e o voto de virgindade que o mesmo Deus, no segredo do seu coração, a levava a formular. Maria não aceita sem compreender; a sua inteligência recta exige o porquê e o como das coisas. Não são o entusiasmo irreflectido, a espontaneidade inconsequente <sup>o sentimentalismo falacioso</sup> que determinam a resposta final ao Anjo. São o conhecimento sério e a reflexão que conduzem à aceitação consciente, na posse segura de todos os dados vocacionais. E aqui se completa a atitude humana de que falava há pouco. A aceitação da vocação, encarada a partir das suas múltiplas coordenadas (dons, condições interiores e exteriores, condições de tempo e de lugar) só tem sentido quando corresponde a uma consciencialização da mesma vocação. A aceitação para ser integralmente humana tem de ser plenamente consciente. Donde a necessidade de esclarecer a inteligência para determinar exactamente as condições em que a vocação se vai realizar e por que se vai realizar.

E foi esse saber situar-se e definir-se que informou profundamente toda a vida de Maria e marcou assim dum modo muito concreto e explícito toda a cena da Visitação.

No momento em que Isabel, velha e cansada, precisa de ajuda, Maria parte pressurosa ao seu encontro. E é tal a sua transparência à Graça que o Percursor exulta de alegria no seio da sua Mãe. Maria não empobrece a acção de Jesus porque não dilui a Sua presença. A sua cristalinidade é tal que a saudação de Isabel se dirige, através da Mãe, ao Filho ali realmente presente. A eficácia de todo o serviço humano tem aí a sua justificação: só na medida em que nos apagamos e deixamos transparecer Deus que vive em nós e que é a nossa razão de ser, só nessa medida é que atingimos o fundo da alma dos outros dando-lhes conforto, ajuda e alegria.

Ao louvor de Isabel, Maria, que está cheia de Deus, responde com a trans-



bordante certeza das graças que recebeu e das maravilhas que o Senhor nela está operando. O "Magnificat" que ela entoava é a expressão mais alta da criatura que tem plena consciência de si mesma, da sua limitação e da sua fraqueza mas que ao mesmo tempo tem a intuição clara do Imenso, do Infinito, do Absoluto de Deus. Na serenidade com que Maria glorifica Deus transparece a humildade autêntica que é o sentimento humano da ordem universal. Maria compreende que foi chamada a um extraordinário destino, de tal modo glorioso que "todas as gerações a proclamam bem aventurada". Mas compreende claramente que tudo lhe vem de Deus e que foi gratuitamente que Ele a escolheu, "que se dignou baixar os olhos para a pequenez da sua escrava".

Maria, acorrendo a casa de Isabel, não leva unicamente como objectivo a ajuda a prestar. Ela quer compartilhar também ideias e sentimentos, Ela que traz em si o Verbo e o perfeito Amor. E a graça que inunda Isabel e a alegria de João Baptista parecem ser as manifestações dum diálogo que, para além das palavras trocadas, se trava entre o núcleo essencial da personalidade das duas mulheres. É através da vocação maternal, intrínseca a cada mulher ( e entendo-a evidentemente no sentido mais lato de maternidade espiritual, acrescida ou não da maternidade física) que as mulheres se encontram e se compreendem. Porque é essa vocação que assegura o pleno desenvolvimento das dimensões humanas da alma feminina.

Ignorada ou desprezada a verdadeira feminilidade que vincula a alma às exigências da maternidade espiritual, a acção da mulher perde toda a eficácia humana e tornam-se inacessíveis os caminhos que à sua alma conduzem.

Neste serviço real dos outros, na doação total da sua vida a Deus, Maria prepara-se para receber o Seu Filho. E, tal como Maria, toda a mãe autêntica há-de preparar-se na purificação interior e no serviço dos outros desinteressado e generoso. É por faltarem muitas vezes estes elementos ( fechadas as pessoas no tumulto dos sentidos e no egoísmo em que a juventude julga ser feliz) que, apesar da excelência do amor maternal, a maioria das mulheres ( e em particular das que também são mães pela carne) está longe de atingir e realizar a missão a que foi chamada com aquela beleza e verdade que lhe são próprias e essenciais. Com Maria atinge-se a expressão mais alta do amor maternal, porque em Maria o amor maternal identifica-se totalmente com o amor a Deus.

E é o amor de Deus e a comunhão íntima com Ele que dão a Maria, ao longo de toda a vida de Jesus, a visão clara do justo equilíbrio a manter na vocação de Mãe do Filho de Deus.

Vemo-la surgir ao lado do Filho no Presépio, vemo-la apresentando o Menino no Templo, vemo-la procurando-O aflita pelas ruas de Jerusalém, usando para com



Ele dum autoridade serena e sem reservas. Os anos de Nazaré são anos ricos de silêncio mas, nesse silêncio como nos acontecimentos de infância que o precederam, a Senhora surge naturalmente ao lado do Filho, em primeiro plano.

À medida porém que o tempo passa o vulto da Virgem esfuma-se na distância. E na vida pública de Jesus apenas vemos a sua presença no primeiro milagre a mostrar claramente que ela não é indiferente às graças que o Filho há-de dispensar.

Depois, o silêncio, a ausência. Mas ~~um~~ um silêncio rico de sons, de poesia e de verdade, porque a Senhora "ouvira todas as coisas e as guardava em seu coração". Mas uma presença que é afinal presença forte porque dá constantemente o melhor de si mesma - o próprio Filho. Mas uma ausência e um silêncio que são espera e preparação do Calvário. Af, de novo, a Senhora aparece em plena luz, ao lado do Filho. Aquela que concebera fisicamente sem dor, concebe no Calvário a humanidade inteira no maior sofrimento. À medida que se desenrola a Paixão, Maria gera todos os homens para a vida do Espírito. Af se atinge a plenitude da Maternidade espiritual. E porque a Cruz rasga nesse nascimento espiritual as entranhas de Maria toda a maternidade há-de consumir-se em dor. A maternidade das almas exige renúncia, doação até ao sacrifício máximo; e não tem, a não ser nos casos em que é acompanhada de maternidade física, qualquer consolação humana.

A mãe autêntica tem de se dar inteiramente a cada um dos seus filhos pelo espírito mas tem de aceitar que nenhum se lhe dê totalmente; imagem e reflexo dum outro Amor, a mãe esbate-se em muitos outros afectos. E as mesmas leis de geração dolorosa são válidas ainda na maternidade das ideias. Isto significa que enquanto o homem cria simplesmente, num instante rápido e sem dor, a mulher ao trazer as ideias à luz há-de fazê-lo no sofrimento. É-lhe particularmente difícil exprimir o que sente e vê e compreende (votada, como é, por exigência da própria vocação, ao silêncio). E as ideias a que der forma, para serem reais e participarem da Vida verdadeira, hão-de trazer muito dela própria, da sua alma e da <sup>sua vida</sup> ~~seu corpo~~. Por isso, e tal como acontece com os filhos pela carne, as ideias que a mulher criou um dia continuam a ser geradas num processo cada vez mais complexo que as vincula com força crescente ao seu espírito, à sua personalidade toda.

Maria que preparara ~~o~~ o Filho, na sua vida humana, para o grande Sacrifício, que discretamente ajudara a purificar o ~~xxx~~ altar em que a Vitima se ofereceria, continua, após a morte de Cristo, a sua missão de colaboradora íntima do Grande Sacerdote. E por isso ela é a primeira figura da Igreja nascente. Deu-lhe vida gerando em si o Corpo Místico e nutre-lhe os primeiros anos com o alimento da sua palavra, com a esperança da sua presença. Ela é o núcleo da pequena comunidade a que deu vida. E no grande dia de Pentecostes ela está presente no meio dos Apóstolos porque ela é a Mãe da Igreja.



A sua vida desenrola-se entre a oração e a apostolado activo até ao dia em que, fruto da sua santidade crescente e da delicadeza suprema do Filho, a união com Deus se torna de adesão da inteligência, da vontade e do coração, em <sup>unidas e extática</sup> identificação ~~de natureza~~ - e nesse dia, não sendo já na terra o seu lugar, ela sobe ao Céu em corpo e alma.

E aí ela reina em glória e em misericórdia sobre todas as criaturas. Embora metafisicamente a sua natureza fosse inferior à dos anjos, criou-a o Senhor, por exigência especial da Maternidade Divina, fora e acima de todas as hierarquias humanas e celestes. "Com ela fez uma aliança de paz" e "revestiu-a de vestes de salvaç"ao" para que dignamente pudesse entrar no ciclo da Santíssima Trindade. Neste sentido ela é a unica criatura necessária a Deus. A sua dignidade é assim superior à de todas as criaturas, em grau e em natureza. É a santidade inultrapassável da sua vida e os méritos que adquiriu, por via dessa mesma santidade, colocam-na pertíssimo de Deus.

Mãe do Verbo, nenhum dos pensamentos de Deus sobre as coisas criadas lhe é estranho. Corredentora, ela participa intimamente na distribuição da Graça. Ambos os privilégios explicam e fundamentam a realza de Maria.

Rainha pela excelência da sua vocação e pela perfeição da sua correspondência à vontade de Deus na cooperação essencial à obra da Redenção, ela governa o mundo criado pela beleza do seu exemplo, tradução viva das leis e da ordem sobrenaturais; e governa-o ainda mais pela união íntima com o Verbo, na aplicação às criaturas dos méritos da Redenção.

Enquanto Cristo é Rei de Justiça, Maria é Rainha de Misericórdia. Com ela e por ela, é maior a alegria dos anjos, servidores de Deus; é mais intensa a glória dos bem aventurados; é mais firme a esperança dos homens na terra.

Senhora de todas as criaturas, ela reina sobre as inteligências, revelando-lhes a Verdade; reina sobre os corações, mostrando-lhes o Amor; reina sobre as vontades, dando-lhes forlaleza e perseverança no Bem.

Por toda a eternidade, Maria continuará a cumprir a missão gloriosa a que foi chamada.

Primeira entre as criaturas por toda a riqueza que nela se contém, tão grande que <sup>ninguém</sup> ~~alguém~~ não ser Deus, a pode compreender, ela será sempre bendita entre as mulheres porque junto de Deus é de misericórdia e de amor a sua intercessão, plenitude da missão feminina de enquadramento de todos os valores criados na ordem divina, na harmonia da Sabedoria e do Amor do Pai.

Braga, 9 de Junho de 1954  
Congresso Mariano Nacional  
Afonso Pinheiro